



Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor e Prop.: P.º ALFREDO MARTINS DA ROCHA
Administrador: ARTUR BASTO

Director:
P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Telefone 8451

Redacção e Administração: R. D. António Barroso 42-44
Composto e Impresso: Tip. «Vitória» — BARCELOS

A CONSCIÊNCIA PÚBLICA e o interesse nacional

Por J. Paes de Villasboas

(Continuação do número anterior)

CONSCIÊNCIA pública do interesse nacional só em pouquíssimos casos existe.

Existe, por exemplo, no caso de Goa, e existe porque tem a sua base no sentimento de Pátria.

Neste caso não há um só português que não dê ao Governo o mais convicto apoio, e dizemos não haver porque, embora português legalmente, como tal não podemos reconhecer qualquer renegado súbdito de facto de Moscovo.

Mas por que essa falta de consciência pública, compreensiva, colaborante?

A nosso ver, que cremos corresponder à realidade, por falta de acção política, no significado vulgar, simplista, popular do termo.

Proporciona essa política bom terreno para impressionismos, fáceis conquistadores dos espíritos, podendo levá-los para as mais absurdas convicções e seu exaltado serviço.

Foram as frases mais ocas de propaganda republicana as que mais conquistaram as massas populares, e nelas criaram o estado de espírito que permitiu o fácil triunfo da revolução.

Nunca esqueceremos certo exemplo de impressionismo pertencente a época relativamente recente, pois é facto de não muito mais de vinte anos. O autor da frase, culto e brilhante espírito, ao reflectir na enormidade proferida, foi, por certo, o primeiro a rir-se do verdadeiro lapsus lingue, e do efeito produzido.

«É um crime fechar um orçamento com saldo enquanto houver um português com fome», foi a frase que, em assembleia de centenas de pessoas, provocou os mais delirantes aplausos.

Assistentes cultos, inteligentes, conscientes, não poucos eram em tal numerosa assembleia.

(Continua na página 3)

Novo Ano

Ano que surges, chega docemente...

Envolve-te a camada de mistério,

E vais atravessar o deletério

Cinismo deste mundo efervescente.

Deves ter equilíbrio, ser prudente,

Proceder com brandura e são critério,

Espalhar paz, justiça, refrigério,

Em cada coração de penitente.

Acalma dor, mitiga inquietude,

Modera as mais temíveis ambições,

Torna casto e perfeito o Pensamento.

Protege e orienta a Juventude,

Faz despertar eternas sugestões

No cerúleo jardim do Firmamento!

Janeiro de 1956

Arnaldo de Azevedo Pinto

Via Sacra na Franqueira

Continuando a tradição, realiza-se o santo exercício da Via-Sacra na Franqueira, nos Domingos da Quaresma.

O primeiro domingo cabe à cidade e o último a Barcelinhos. No entretanto é a vez de Milhazes, Carvalhal, Faria e Pereira, pela ordem de menção.

Algumas destas freguesias costumam fazer nesta ocasião o tríduo anual em honra do Sagrado Coração de Jesus, realizando na Igreja paroquial os actos próprios da manhã e completando o dia, de tarde, na Franqueira, com a Via-Sacra e o Sermão.

Assim a Franqueira mantém durante todo o ano um movimento de piedade, que a caracteriza, como centro de devoção, que atrai as multidões.

No próximo domingo é a cidade que vai fazer o exercício da Via-Sacra na Franqueira, acto que costuma ser concorrido por muitas centenas de pessoas e certamente que este ano assim será também.

A vaga de frio!

A primeira vaga de frio que assolou a Europa e que tantas vítimas fez não se sentiu grandemente no nosso País.

Infelizmente assim não aconteceu na nova vaga de frio que está a flagelar a Europa desde os últimos dias da pretérita semana.

De norte a sul do País, esta segunda vaga de frio tem assinalado bem a sua presença.

No último sábado, até agora o dia mais frio do ano, o termómetro acusou marcas bem excepcionais, registando temperaturas negativas em muitíssimos pontos do País.

Na cidade do Porto o termómetro chegou a atingir quase três graus negativos.

Em Bragança onde até a água nos interiores das casas apareceu gelada registaram-se temperaturas extremamente baixas, quase sibéricas de 15 graus negativos.

Os lisboetas, habituados ao seu doce clima, viram com espanto gelar-se a água dos lagos e das fontes.

Nos registos arquivados nos Serviços Meteorológicos Nacionais, data de 1856 a primeira anotação de temperaturas. A mais baixa ali assinalada remonta a 15 de Fevereiro de 1896 — 1,5° abaixo de zero. No sábado em Lisboa a temperatura chegou a 1,4° negativa, portanto a segunda temperatura mais baixa de há cem anos e apenas com uma diferença de um décimo em relação à de 1896.

Nesse dia, na capital, a temperatura máxima foi de 5,1. No mesmo dia do ano passado a máxima foi 17,5° e a mínima 9,6°, ambas positivas.

(Continua na página 2)

O Cinemascópio no S. Geraldo em Braga

EM Braga, no Cinema S. Geraldo, realizou-se no passado dia 4 do corrente, a inauguração do Cinemascópio daquela moderna Sala de Espectáculos.

O acto inaugural deu início a um verdadeiro acontecimento cidadão. Foi uma festa magnífica que teve a assistência das autoridades mais representativas do nosso distrito. Assim, estiveram presentes o Ex.º Senhor Governador Civil, Rev. Snr. Cônego Mouta Reis, em representação do Prelado da Diocese, Eng. Magalhães Salgado, que representava o Presidente da Câmara de Braga, Presidente da C. D. da União Nacional, Representante do Comando Militar, Deputados Drs. Cerqueira Gomes e Alberto Cruz, Delegado de Saúde, Comandante da Legião Portuguesa, Coman-

Mais um aniversário da morte do

Dr. Matos Graça

No próximo dia 20 ocorre mais um aniversário da morte do saudoso e prestigioso barcelense Dr. José Gomes de Matos Graça.

A sua acção, como médico, político e jornalista, é deveras notável e deixou, após a sua morte, bem vincada a sua estatura moral e social.

O Dr. Matos Graça era uma pessoa dotada de excelentes qualidades de inteligência e bondade.

Por isso grangeou a geral simpatia em todo o concelho e estendeu, ainda, a sua acção ao Distrito de que foi ilustre Governador Civil.

Foi político e doutrinador, fazendo através da sua vida aquilo a que, rigorosamente, podemos chamar política de verdade.



A esta actividade sempre digna ligava, sem respeitos humanos, a sua qualidade de católico fervoroso.

Aproveitamos esta oportunidade para pedirmos aos leitores do nosso jornal uma prece pela alma do Dr. Matos Graça e apresentamos à ilustre família Matos Graça, na pessoa do nosso prezado amigo Sr. Miguel Matos Graça, a sentida expressão do nosso pesar.

Aos nossos estimados anunciantes

A Administração de *Jornal de Barcelos* leva ao conhecimento dos seus estimados anunciantes que, desde o princípio do corrente mês de Fevereiro, a secção de publicidade passou a ser explorada directamente por esta Administração.

Assim, os pagamentos ou novos contratos de anúncios, devem ser feitos por intermédio desta Administração, sita na Rua D. António Barroso, 42-44.

dantes da P. S. P. e da G. N. R., Directores da Escola do Magistério Primário e da Escola Industrial e Comercial, Vereadores do Município, Representantes dos Organismos da Acção Católica, Imprensa, etc., etc...

Antes da sessão, constituída por belos e interessantes documentários, o Delegado, em Portugal, da Wattson (a fábrica parisiense que forneceu o moderno equipamento de som disse da maravilha do Cinemascope, invenção esta que tanto revolucionou o mundo cinematográfico. Seguidamente, foram passados os filmes de curta metragem, nas diversas modalidades de Cinemascope para que aquele Cinema está ricamente apetrechado, tendo ainda o Delegado da Wattson, antes de cada um deles, feito uma breve explicação, de ordem técnica.

Pelo que nos foi dado observar, podemos afirmar que o Cinema S. Geraldo está equipado para a exibição de filmes de todas as modalidades de Cinemascope, desde o Estereofónico Perspecta e Estereofónico Ambiente (4 bandas) ao Superscope e ao surpreendente Vista Vision (pela primeira vez apresentado em Braga), com um esplêndido material que rivaliza com os melhores do País e que possui interessantes inovações que nenhuma ainda outra tem. E de todos estes géneros, o S. Geraldo contratou uma opulenta programação que chamará a atenção e o interesse de todos os bracarenses e também dos cinéfilos de bom gosto das regiões circunvizinhas.

O seu Ecran (Silverlux), de excelente luminosidade tem as dimensões de 12^m x 5^m, sendo, portanto, o maior do Minho e dos maiores do País. Saliente-se, ainda, que este Ecran, pela sua alta qualidade, permite, o que é muito raro, que os espectadores sentados nas primeiras filas da plateia possam assistir à exibição dos seus filmes, nas melhores condições de visibilidade.

Merece parabéns o S. Geraldo que com tenacidade e superior critério (e grande dispêndio, sem dúvida) conseguiu apresentar uma aparelhagem que dignifica as recentes invenções cinematográficas, ao contrário do que algumas vezes se tem verificado com certas improvisações e amálgamas barulhentas que até em Lisboa

CINEMA

Hoje, às 21,30, no Cine-Teatro Gil Vicente, será exibido o filme de mais categoria do ano, um espectáculo como nunca se apresentou em cinema:

CARROCEL NAPOLITANO

Em deslumbrante colorido com Sophia Loren, Nadia Gray, Paolo Stoppa, Maria Fiori, Ballets Africano French-Can-can e Marquês de Cuevas.

— No domingo, às 15,30 e às 21,30, no mesmo cinema, um filme vigoroso cuja acção se desenrola num país abrangido pela cortina de ferro:

SALTO MORTAL

A audaciosa fuga de um circo completo através da fronteira.

Com Frederi March, Terry Moore, Glória Grahame etc.

Estes programas são para 13 anos.

têm desanimado os espectadores de bom gosto.

Estão também de parabéns os bracarenses porque possuem um Cinema, como é o S. Geraldo, a acompanhar tanto em aparelhagem como em programação, as primeiras Casas de Espectáculos do País.

Finda a sessão, que nos deixou maravilhados, todos os convidados tributaram à Empresa daquele Cinema uma merecida e prolongada salva-de palmas, prestando, desta forma, inteira justiça a quem arrojadamente se lançou neste empreendimento com verdadeiro espírito de Bem Servir.

À noite, realizaram-se ainda mais duas sessões, com igual programa, para os seus numerosos e bem seleccionados frequentadores, que a elas acorreram entusiasmados para em ambas esgotarem a lotação daquela linda Sala de Espectáculos.

Para assinalar esta realização, a Empresa daquele Cinema promoveu durante a semana, isto é, de 5 a 12 de Fevereiro, matinées e soirées, todos os dias.

Jornal de Barcelos felicita vivamente a gerência do Cinema S. Geraldo a quem apresenta os seus cumprimentos.

A vaga de frio!

(Continuação da página 1)

Nesta cidade, no sábado de tarde, chegou a cair uma amostra de folheca mas, segundo nos informam, em Fragoso, Salvador, Lijó e outras freguesias caiu folheca em grande quantidade.

Conferências Quaresmais

Começam no próximo domingo, no Templo do Senhor da Cruz, as conferências quaresmais que, este ano, serão pregadas pelo distinto professor do Seminário de Braga Rev. Dr. António Ferreira Rodrigues. A parte coral está confiada ao grupo coral de Barcelinhos que, gentilmente, se ofereceu para cantar.

Os actos religiosos começam às nove menos um quarto da noite havendo exposição do Santíssimo Sacramento, reza do Terço e Bênção.

Tribunal de Menores do Tribunal de Barcelos

Por despacho de 27 de Janeiro, do Ministério da Justiça, publicou o «Diário do Governo» a lista dos Delegados de Vigilância do Tribunal de Menores de Barcelos, tendo sido nomeados os Snrs. Dr. António Neco Duarte Coutinho, Dr. Manuel do Vale Lima, Artur Vieira de Sousa Basto e António José de Sousa Costa.

Da Capital

Regressou de Lisboa onde esteve a tratar de assuntos comerciais o nosso prezado amigo Sr. Alberto Guimarães Vale, sócio-gerente da Fábrica de Malhas «Guial».

Doentes

Encontra-se doente o nosso amigo Sr. João Caravana, funcionário municipal aposentado.

— No Porto, no Hospital de Santa Maria, está internado o nosso estimado correspondente de Silveiros Sr. Alberto Esteves que, devido a grave desastre, fracturou um braço e várias costelas.

Desejamos-lhe rápidos restabelecimentos.

Imposição das cinzas

Ontem, nos templos desta cidade, além da missa e de outros actos religiosos, fez-se a cerimónia da imposição das cinzas aos fiéis.

Hospital da Misericórdia

No próximo domingo está de serviço permanente o Senhor Dr. José António Torres.

A Quinzena Literária

CARTA DA CAPITAL

(Continuação da página 6)

e do *Polícia*, exactamente elementos anedóticos, descharacterizadores de uma expressão nacional.

Temos flagrante caso em Portugal: o de Lázaro Lozano.

Nascido aqui e cá educado, com cursos portugueses de pintura e piano, vivendo em Portugal, por mais que pinte neste País, pinta sempre, digamos, em espanhol.

Mas se a característica râmica do verdadeiro pintor dá à pintura um carácter nacional, não careceria a nossa — nem comprazer a revista VELA — de transpor na tela ou no cartão barquinhos ou ondas.

Por capricho do destino esse carácter atlântico encontra-se reforçado pelo tratamento apaixonado, carinhoso do mar e seus afins: desde a praia aos barcos, desde as gentes à indústria, toda a vida do mar se vê representada em centenas de telas, desde o já citado último quartel do séc. XIX até ao momento presente, e nas mais avançadas tendências estéticas.

Pousão pintou o mar, como as praias foram pintadas por Silva Porto, Malhoa, Ramalho, Victor Bastos, João Vaz, Sousa Pinto, Artur Loureiro, Marques de Oliveira, José de Brito, D. Carlos, Carlos Reis, Veloso Salgado, António Carneiro, Constantino Fernandes e Roque Gameiro.

Prolongando-se o facto incontroverso no tempo, temos a prová-lo os trabalhos de Sousa Lopes e Joaquim Lopes, de Domingos Rebelo e Frederico Aires, de Falcão Trigo e António Saúde, de Alves de Sá e Alberto de Sousa, de João Reis e Fausto Sampaio, de Túlio Victorino e Ed. Lapa, de Martins Barata e Aires de Carvalho.

Na escultura tratou do mar Anjos Teixeira e Leopoldo de Almeida, e Júlio Vaz Júnior modelou um Adamastor,

tema que tanto estudou o primeiro escultor citado para um monumento que não se executou.

Na novíssima geração o fenómeno continua-se esplendoroso com Carlos Carneiro e António Cruz, Camarinha e Resende, Lanhas e Gouveia Portuense, António Lino e Jaime Isidoro, Augusto Gomes e Ant. Sampaio, com F. Lemos e Vespeira, com Lino António e Lima de Freitas, com Paulo Ferreira e Bernardo Marques, com Pomar e Guilherme Filipe, com San-Payo e Hogan, com José Júlio e Menez Leitão, com F. Azevedo e Da Costa etc. etc. Almada, E. Viana, Barradas, Stuart, Mily Possoz, Sousa Cardoso, Ant. Soares — os da gloriosa geração — tanto como pintar o mar, sentiram a sua força que transparece em toda a sua enorme obra.

Barata Feyo, Ant. Duarte, João Fragoso e Martim Correia modelaram peixeiras ou varinas.

Tão afastados dos temas do mar os pintores portugueses?

Se até à Exposição de Arte das Olimpíadas de 1952 o Pintor Carlos Botelho mandou uma pintura de mar!

Uma, só uma, excepção se abre no sem número de portugueses plásticos, pintores de verdade, oficiais de seu ofício: o nome glorioso, do pintor do Alentejo, Dordio Gomes.

Não teremos pintores do mar?

Temo-los, e sempre os tivemos, mais e acima de uma pintura anedótica, como expressão de uma raça e de uma cultura, como índice de de uma civilização.

Expressão e índice desconhecido, ignorado pela revista VELA, e negado com a mesma verdade — e sem a mesma gravidade — com que se negaria a sua existência, ou a deste amigo que lhe beija a mão

S. P.

Mundanismo

Fazem anos pelo que lhes apresentamos muitos parabéns os nossos amigos:

Hoje — A menina Maria Arminda da Quinta e Costa Viana de Queirós.

Amanhã — As Sr.^{as} D. Ermelinda Amélia de Miranda Aviz e D. Idalina da Glória Neves Martins Ferreira e os Snrs.: Emílio Lopes Fernandes Vinagre, Francisco Carvalho e José António do Rego Fernandes.

Sábado — A Sr.^a D. Maria da Glória da Cunha Vieira Duarte e o Sr. Jorge Vieira de Sousa Basto.

Domingo — Os Snrs. Manuel Cardoso de Albuquerque

e Emílio da Silva Melo e o menino José António Carvalho Serra.

Segunda — A Sr.^a D. Maria Teresa das Dores Faria, o Sr. Carlos Eduardo da Silva Vinagre e a menina Maria Helena do Rego Fernandes de Oliveira.

Terça — A menina Maria do Céu da Silva Maciel.

Quarta — A Sr.^a D. Adelaide de Jesus Coelho da Costa Martins Soares e os Senhores Celestino Coelho de Sousa Basto, Fernando José Martins da Silva Corrêa e Joaquim Malheiro Esteves.

Seja assinante do

Jornal de Barcelos

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sede — LISBOA

AGÊNCIA EM BARCELOS

Largo da Porta Nova, 41 — Telefone 8318

Descontos — Depósitos à Ordem e a Prazo — Transferências s/ o País e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras

A CONSCIÊNCIA PÚBLICA e o interesse nacional

(Continuação da página 1)

Todos aplaudiram como que electrizados.

Passado o momento, reflectindo, riram-se de si próprios.

Mas o certo é que, no momento, aplaudiram.

Pode impedir a censura preventiva a exploração da opinião pública e a instilação sistemática de veneno. Pode impedir, mas só até certo ponto, não haja ilusões e menos para aqueles que pretendem seja a Censura carro blindado para serviço de dogmatismo de que se crêem possuidores. Mas nem a Censura nem a publicação sistemática de aplausos e louvores, sem contradita, conseguem criar a consciência pública necessária.

É que abstenção de política, no sentido a que nos vimos referindo, da parte do Governo, não impede que essa política exista, se manifeste, com maior ou menor exteriorização mas conquistando espíritos, de resto sempre mais propícios ao «anti» do que ao «pró».

E os estados de opinião pública criam-se, fazem-se realidade em pernicioso divórcio de actuação governativa, por mais útil essa seja ao verdadeiro interesse nacional.

Mas como a política?

Política no sentido referido, vulgar, simplista, popular, mais de cem anos de liberalismo fez radicar conceito eleicoeiro, de partidarismo, e captação pelo favor, pela ajuda a não cumprimento das leis, pela corrupção, enfim.

Tanto se radicou esta noção que, percorrendo o País, em plena vigência do Estado Novo, difícil não será, por fácilmo ser, achar transplantação para o regime actual, de tal noção, única compreendida.

Isto, além do mais, tem de, inevitavelmente, actuar em sentido oposto, quanto à confiança, nos princípios que informam a doutrina política do Estado Novo.

Há, pois, necessidade de política, e esta só se tornará eficiente promovendo-se crítica construtiva, facilitando combate a injustiças, de que nenhum sistema está isento, a fiscalização em justa medida, mas eficiente.

Isto é, a criação de consciência pública do interesse nacional, compreensiva, dos actos do Governo em serviço do mesmo interesse.

Desconhecemos qual a acção das comissões da U. N., distritais, concelhias e de freguesia.

Mas, escrevendo para público, em esforço de servir a consciência pública, por interesse nacional, em actuação colaborante e dentro da mais completa independência, temos por dever observar, pelo que a falta que o Sr. Doutor Oliveira Salazar notou de perfeita compreensão pública da obra realizada cabe à falta da verdadeira política e de confiança pública na acção duma crítica patriótica e construtiva.

Ninguém poderá convencer-nos da solidez de obra governativa, por mais grandiosa seja, que não possa firmar-se no mínimo de compreensão da consciência pública.

Mas mais do que a nós, à U. N. compete dar ao caso a devida atenção e encontrar-lhe a solução própria e eficiente a bem da Nação.

Visado pela Comissão de Censura

Nova Agência do Banco Borges & Irmão

Em Gondomar, foi há dias inaugurada uma Agência do Banco Borges & Irmão que ficou instalada num dos modernos prédios do centro da vila.

O abade de S. Cosme de Gondomar lançou a bênção ao novo estabelecimento bancário a cujo acto inaugural assistiram os Snrs.: Delfim da Silva Fernandes Vinagre, vice-presidente do Conselho de Administração daquele Banco; presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Gondomar, chefe da Repartição de Finanças, directores dos Grémios da Lavoura e Ourivesaria; comandante dos B. Voluntários de Gondomar, médicos, advogados, comerciantes e outras individualidades de destaque no concelho.

Em sessão solene, os senhores conselheiro Dr. José Barbosa Ramos e Manuel da Silva Monteiro, referiram-se às realizações do Banco Borges & Irmão, tiveram palavras de elogio para com os directores do Banco e realçaram a importância económica das suas iniciativas e os benefícios levados ao concelho de Gondomar com a criação daquela Agência.

Por último, o nosso prezado conterrâneo Sr. Delfim Vinagre, na sua qualidade de Vice-Presidente do Banco, manifestou a sua satisfação por poder presidir a acto tão significativo, agradeceu a presença das individualidades gondomarenses e aludindo às finalidades da criação da nova Agência terminou por fazer votos pelas suas prosperidades.

Durante o dia, a agência esteve muito movimentada, tendo-se efectuado bastantes transacções.

ALTO-FALANTES

Prefiram sempre a
CASA SOUCASAUX
TELEFONE 8345

Fotografias — Rádios — Oculos
Artigos fotográficos, etc.
BARCELOS

Vida Desportiva

A jornada de domingo

A primeira fase do Campeonato Nacional da II Divisão aproxima-se do fim e, a três jornadas do fim, na Zona Norte, podemos dizer que estão já assegurados os grupos que disputarão a fase seguinte assim como o que baixará de divisão.

Na jornada de domingo venceram todos os clubes visitados que marcaram 29 golos e sofreram apenas cinco.

O grupo barcelense que continua no 10.º lugar, conseguiu distanciar-se dois pontos do Desportivo de Chaves e do União de Coimbra, abandonando definitivamente o grupo dos clubes que podem ficar em último lugar.

No domingo, nesta cidade, defrontar-se-á com o Boavista, se bem que se trata dum dos grupos que ainda pode aspirar ao primeiro lugar da classificação e, sem dúvida, com valor, os barcelenses podem alimentar esperanças num resultado favorável.

Futebol

Gil Vicente, 2

União de Coimbra, 0

Domingo, perante uma boa assistência, o Gil Vicente defrontou-se com o União de Coimbra, saindo vencedor pelo resultado de 2-0.

Os golos foram marcados por Canário logo no início do encontro e por Gelucho perto dos trinta minutos da primeira parte. No segundo tempo não houve golos.

O grupo visitante deixou fraca impressão, devendo ser o pior grupo que disputa a Zona Norte.

O Gil Vicente, embora actuando abaixo das suas possibilidades, merecia vencer por um resultado mais folgado.

Na segunda parte o grupo barcelense dominou intensamente mas, a boa actuação do guarda-redes conimbricense e a maneira como todos os restantes companheiros da equipa se empregaram na defesa, evitaram que o marcador sofresse qualquer alteração.

Arbitrou com imparcialidade o Sr. Francisco Guerra, do Porto, e o Gil Vicente apresentou a seguinte formação:

Augusto; Seródio, Eduardo e Valdemar; Nolito e Vieira; Nova, Gelucho, Canário, Prágio e Pontes.

*

Os outros resultados da Zona Norte, foram:

Salgueiros — Viseu, 7-0
Espinho — Vianense, 5-2
Leixões — Os Leões, 6-1
Guimarães — Sanjoanense, 2-1
Peniche — Tirsense, 2-1
Boavista — Chaves, 7-0

*

No campo Adelino Ribeiro Novo, no próximo domingo, o Gil Vicente terá como adversário o Boavista F. C.

Tanto nesta cidade como no Porto há grande entusiasmo pela realização deste jogo, esperando-se que seja presenciado por uma grande assistência.

ADEGA NECO

VINHOS, PETISCOS, ALMOÇOS E JANTARES

Aberto até às 2 horas

Rua de Costa Cabral, 16 (Ao Marquês do Pombal)
Telefone 42995 — PORTO

A Pensão Bagoeira

servirá no próximo domingo, 19,
o sarrabulho à moda do Minho,
lampreia à bordalesa e as deliciosas papas.

Vende, compra e troca máquinas de costura em 2.º mão
 Grande sortido, simples e secretária Singer e outras marcas de confiança.
 Também vende
 AGULHAS, ÓLEO, CORREIAS E PEÇAS AVULSO
Fernando Valério de Carvalho
 Av. Combatentes da 6. Guerra, 158 — BARCELOS — Telef. 8345

Santa Casa da Misericórdia de Barcelos
Concurso para Médicos Suplentes

Nos termos do Art.º 88.º do Regulamento do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, está aberto concurso para a nomeação de quatro médicos suplentes, pelo prazo de trinta dias, a contar da data deste anúncio no «Diário do Governo», devendo os concorrentes apresentar os documentos exigidos por Lei.

Os concorrentes podem apresentar quaisquer outros documentos comprovativos de suas habilitações.

O Secretário:

a) — Manuel Alberto Rodrigues de Faria

Luís Ferraz

Encontra-se em Lisboa a fim de frequentar um curso para inspector da indústria de *Gaz Cidla*, o nosso querido amigo Snr. Luís Ferraz Menezes.

Ao prezado amigo que, goza nesta cidade da melhor simpatia, dadas as suas qualidades de educação e inteligência, desejamos o melhor aproveitamento e o seu pronto regresso à nossa terra.

Exposição

No Café Monumental encontra-se em exposição numerosos trabalhos de pintura — a óleo, aguarela e pastel e de escultura de autoria do artista barcelense Snr. Jerónimo Fernandes, que têm sido muito admirados.

Oportunamente faremos a merecida referência a este acontecimento artístico.

RELOJOARIA CARVALHO

O Relojoeiro de confiança em Barcelos.

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 40

FALECIMENTO

D. Emilia Castro Gomes Rego

Na freguesia de Arcozelo, na sua residência sita no lugar da Esparrinha faleceu, no último sábado, a Snr.ª D. Emilia Castro Gomes Rego, viúva do saudoso comerciante Snr. José Luís Gomes do Rego.

A saudosa extinta que contava 77 anos de idade, era mãe das Senhoras D. Maria Carolina Gomes do Rego e D. Maria Amélia Gomes do Rego Ferreira e dos nossos prezados amigos Snrs. José António, António e Fernando Gomes do Rego e sogra das Snr.ªs D. Virgínia Peixoto Pereira Machado do Rego, D. Maria do Sacramento de Almeida do Rego e D. Maria de Lourdes Durães Vicência do Rego e do nosso amigo Snr. Manuel Ferreira.

O seu funeral, com grande acompanhamento, realizou-se na manhã de Domingo, da sua residência para o cemitério paroquial onde ficou sepultada em jazigo de Família.

Incorporaram-se muitas pessoas desta cidade e piquetes de ambas as Corporações de Bombeiros da nossa terra.

Jornal de Barcelos, a toda a família enlutada, envia as suas condolências mais sentidas.

Lâmpadas a 4\$00

Só no

Armazém Esteves

Agradecimento

A Família de Georgina Monteiro Esteves, prevenindo qualquer falta involuntária, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que a acompanharam no desgosto que a atingiu, ou por qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar.

A todos, protesta o seu indelével reconhecimento, não esquecendo os Ex.ºs negociantes que encerraram as suas portas à passagem do funeral, o que se lembra com gratidão.

Barcelos, 13 de Fevereiro de 1956.

A Família

8-4-7-5

É o número do telefone do motorista Peixoto que vos atende a qualquer hora da noite.

8-4-8-8

É o número do telefone da Praça onde durante o dia podem ser procurados os seus serviços.

Segurança — Conforto
Economia

É o que vos oferece os carros do motorista

PEIXOTO

António Teixeira

ALFAIATE

Confeciona toda a obra para Senhora, Homem e criança.

Perfeição

Ótimo acabamento

Preços Módicos

Rua D. António Barroso, 56-1.º, por cima da Casa dos Móveis

CINAL PACHANCHO

A última palavra em bicicletas motorizadas. Não compre sem fazer uma visita à exposição.

GARAGEM MACHADO

Campo 5 de Outubro, 44 — BARCELOS

Alto-falantes

A melhor, a mais potente, a mais moderna aparelhagem de som. Prefiram para as vossas festas

José Fernandes, L.ª

Rua Miguel Miranda, 40 — BARCELINHOS — BARCELOS — Tel. 8245 P. F.

Deslocam-se para toda a parte, haja ou não energia eléctrica

ILUMINAÇÕES DE ARRAIAIS

FOTOGRAFIA: Retratos em todos os géneros

Rádios e reparações, bobinagens, etc., etc.

Da Administração

Pagaram as suas assinaturas os seguintes Snrs.:

Por 1 ano

Joaquim Fernandes Brito e José Brito Limpo Serra Lobarinhas, Brasil; António Abílio Senra, Moçambique; Laurentino Lopes Moreira, Chorento; Laurentino Matos dos Santos, Vila Cova; Seminário do Espírito Santo, Silva; Francisco José Senra, Adães; P.º Manuel Martins Marques, Macieira; Francisco Ludovino Rodrigues, Moura e António Zacarias Montenegro, Barqueiros.

Por 9 meses

Francisco Martins Maciel Júnior, Tregosa.

Por 6 meses

Armando Pimenta, José Duarte, Domingos da Silva Peixoto e D. Maria do Carmo Vale, Barcelos; Emiliano Santos, Barcelinhos; Padre Pires Afonso, Esposende e Manuel Martins de Campos, Macieira.

Novos Assinantes

Inscreveram-se como assinantes do nosso jornal mais os Snrs.:

Dr. António da Costa Lopes, Itália; José Celestino Pedrosa e Silva, Vilar de Figs e Adelino Alves Braga, Venezuela.

Batata para Semente

1.º ANO

«Arran-Baner, Impéria», Arran-Consul.

Sempre grandes produções.

Falar na Pensão Arantes

TERGE

O lava roupa inglês para venda avulso.

Melhor, mais económico e de espuma abundante.

Cada 100 grs. 2\$50

Vende a

Drogaria da Praça

Telef. 8478 BARCELOS

Frigorífico — Vende-se

Electrolux, a petróleo, adaptável a gás e electricidade.

Máquina para fabricação de gelados.

Informa esta Redacção.

Vinho Branco

PIENSÃO ARANTES

Vende 1/2 litro, 1\$60

Por garrações, 3\$00 o litro.

Dr. José António Torres

MÉDICO

Consultório:

Rua D. António Barroso

Telefone 8377

Residência:

Av. Alcáides de Faria

Telefone 8559

Consulta das 10 às 12 horas

«Jornal de Barcelos»

Assinatura (trimestre) . . . 10\$00

Número avulso . . . 1\$00

Estrangeiro (ano) . . . 60\$00

Ultramar (ano) . . . 50\$00

Anúncios judiciais — linha . . . 63

Comunicados e anúncios oficiais . . . 1\$50

Anúncios por formato — preços convencionais. Linómetro tipo corpo 8.

CAFÉ E RESTAURANTE N E C O

Serviço de Restaurante — Café à chávena e Pastelaria

Refeições económicas a 6\$50. Vinhos das melhores regiões

Aos domingos papas de sarrabulho e todos os dias caldo verde

Peçam Loiras à Neco

Campo 5 de Outubro, 16

Telefone 8566 — BARCELOS

Banco Borges & Irmão

S. A. R. L. — PORTO

Relatório e Contas do Parecer do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal Gerência de 1955

SENHORES ACCIONISTAS:

De conformidade com os preceitos legais e estatutários temos a honra de apresentar e submeter à vossa apreciação e voto, o Balanço, Contas e Relatório respeitante à Gerência do ano findo.

O aumento sensível dos números expressos nas diversas rubricas do Balanço põe em evidência o grande desenvolvimento que tiveram no ano de 1955 as operações nos principais sectores do Banco.

Assim, o montante dos Depósitos, Letras Descontadas e as operações do estrangeiro (Importações e Exportações) atingiram cifras bastante superiores às alcançadas anteriormente.

Tivemos, por outro lado, um grande prazer em nos ter sido permitido satisfazer, no ano findo, em muito maior escala que nos anteriores, os pedidos, que nos foram feitos, de assistência financeira, não só para as necessidades periódicas do comércio e indústria, mas também para as resultantes das dificuldades providas da estagnação dos negócios que se acentuaram no ano passado, em alguns sectores, muito vincadamente, como reflexo da conjuntura actual.

Este apoio às actividades económicas, aliás tradicional nesta Instituição, pela amplitude e dispersão que assumiu, granjeou, com a maior satisfação o declaramos, entre os nossos Amigos e Clientes, um ambiente o mais francamente favorável para o nosso Banco.

Os negócios da nossa Filial (Casa Antiga) registaram um grande incremento nas várias especialidades a que a mesma se dedica, como sejam, Moedas, Metais nobres e Títulos. Tanto a classe de ourivesaria como os meios capitalistas se manifestaram, de modo iniludível, com a maior simpatia por estes serviços, agora remocados, os quais, com um carinho especial, deram também o seu desinteressado concurso à colocação de empréstimos e aumentos de Capital de importantes Empresas, muito especialmente os relativos às Hidro-Eléctricas e Siderurgia Nacional, empreendimento este de largo alcance económico, incluído no programa, em execução, do fomento nacional, política a que o Governo da Nação se tem devotado, com a maior dedicação e interesse.

Prosseguindo na orientação de expansão do Banco, procedeu-se à instalação de uma nova Agência em Lourosa, região onde predomina a indústria corticeira e onde passamos a servir com mais prontidão as relações que o nosso Banco de longa data ali conquistou.

Muito em breve abriremos também uma Agência na Vila de Gondomar, localidade onde está estabelecido o principal núcleo da importante e prestigiosa indústria nacional de ourivesaria. Teremos grande satisfação em poder servir ali, com a maior eficiência, a nossa numerosa Clientela, tão tradicionalmente devotada ao nosso Banco.

Mais duas Agências urbanas, no Porto, foram abertas ao público, em Costa Cabral (Marquês de Pombal) e em Campanhã. Pudemos assim levar aos nossos Amigos e Clientes daquelas zonas, onde um comércio intenso se verifica, os nossos serviços com maior facilidade e precisão. Está, além disso, prevista para breve a abertura de outra dependência, na área do Carvalhido, que muito concorrerá para o estreitamento das nossas relações com os nossos Clientes ali estabelecidos.

Verificou-se, também, no decorrer do ano, no nosso Banco em Lisboa, mercê do seu robustecimento técnico e de um trabalho profícuo, um revigoreamento de todos os serviços, cujos resultados se assinalaram já por uma grande afluência de simpatias e uma marcha ascensional de todas as operações. É motivo para aqui deixarmos expresso um agradecimento especial à sua diligente Direcção.

A valiosa colaboração sempre dispensada pelos Dignos Membros do Conselho Fiscal, muito contribuiu para o êxito do nosso trabalho. Aqui deixamos exarados os nossos melhores agradecimentos.

Aos Senhores Secretário da Administração, Directores, Sub-Directores, Gerentes, Procuradores e mais funcionários do Banco, testemunhamos também o nosso reconhecimento pelo cuidado e zelo demonstrados.

Finalizando, propomos a seguinte aplicação ao saldo da conta de Ganhos e Perdas no montante de Esc. 10.766.852\$60:

Para Fundo de Reserva	1.000.000\$00
> Reserva Variável	5.000.000\$00
> Cumprimento do N.º 2.º do Art.º 24.º dos Estatutos	1.375.709\$00
> Dividendo (cativo de impostos)	3.000.000\$00
> Conta Nova	391.143\$60
	<hr/>
	10.766.852\$60

Porto, 14 de Janeiro de 1956.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

Júlio Anahory do Quental Calheiros
(Conde da Covilhã)
Delfim da Silva Fernandes Vinagre
José Nunes da Fonseca
Francisco Manuel Fernandes Borges
José Adelino Azeredo Sá Fernandes
Daniel Maria Vieira Barbosa
José da Silva Braga

Assembleia Geral Ordinária

Convoco a Assembleia Geral Ordinária deste Banco para reunir no dia 17 de Fevereiro próximo, pelas 16 horas, na Sede Social, para:

1.º—Discutir, aprovar ou modificar o Balanço e Relatório do exercício findo em 31 de Dezembro de 1955;

2.º—Tratar de qualquer assunto de interesse para o Banco.

Porto, 16 de Janeiro de 1956.

O Presidente

José Caeiro da Matta

Parecer do Conselho Fiscal

SENHORES ACCIONISTAS:

O vosso Conselho Fiscal, em cumprimento das suas funções e em obediência à Lei, examinou, no decorrer do ano, com a maior frequência, a escrituração do Banco e os valores que compõe o seu Activo e pôde verificar a correcção e exactidão dos números e lançamentos respectivos.

A orientação da vossa Administração, que teve como principal objectivo dar um maior impulso às transacções bancárias em todos os sectores do Banco, foi correspondida com o maior êxito, pois, além da confiança demonstrada, os números atingidos, em todas as rubricas, justificam-no plenamente.

Pudemos verificar que o Comércio e a Indústria encontraram sempre da parte da Administração do Banco o apoio financeiro para as suas actividades normais, embora com as reservas de prudência que as circunstâncias impõem.

Para a obtenção dos resultados conseguidos neste exercício, muito concorreram também as novas dependências do Banco que vieram melhorar os seus serviços e dar mais facilidades à sua Clientela.

Cumpre-nos agradecer as amáveis referências que nos são feitas pelo Conselho de Administração e associarmos-nos, com o maior prazer, às palavras de reconhecimento consignadas aos seus colaboradores, pelo esforço despendido.

E assim, o vosso Conselho Fiscal tem a honra de vos propor:

1.º—Que aproveis o Balanço e Contas do Conselho de Administração e deis ao saldo da conta de Ganhos e Perdas a aplicação que ele vos propõe;

2.º—Que louveis o Conselho de Administração, que bem mereceu da vossa confiança, pelo acerto inteligente e pelo dedicado zelo sempre manifestado na sua gestão.

Porto, 16 de Janeiro de 1956.

O Conselho Fiscal:

Manuel Pinto d'Azevedo
José Gualberto de Sá Carneiro
Armando Marques Guedes
(relator)

Balanço de 31 de Dezembro de 1955

ACTIVO

Caixa:

Dinheiro em Cofre e depósito noutros Bancos	247.020.696\$50
Agências e Correspondências no País	137.900.070\$17
Dinheiro Estrangeiro e Letras s/ o Estrangeiro	5.391.671\$90
Carteiras de Letras	648.460.322\$59
Correspondentes no Estrangeiro	59.943.760\$13
Devedores Diversos	127.429.732\$79
Empréstimos e C/ Correntes com Caução	160.473.871\$88
Fundos Flutuantes	131.646.300\$00
Instalações	100\$00
Ministérios das Finanças (Decr. N.º 8442 e 8748)	685.000\$00
Edifícios da Sede e Agências	100\$00
Propriedades (de Rendimento)	32.450.000\$00
Cauções dos Corpos Gerentes	850.000\$00
Contas de Ordem	376.795.508\$38
	<hr/>
	1.929.047.134\$34

PASSIVO

Capital e Fundos de Reserva	105.500.000\$00
Depósitos à Ordem	801.684.379\$31
Depósitos a Prazo	288.402.015\$50
Credores Diversos	330.052.372\$35
Letras a Pagar	14.996.006\$20
Corpos Gerentes (Cauções)	850.000\$00
Contas de Ordem	376.795.508\$38
Ganhos e Perdas	10.766.852\$60
	<hr/>
	1.929.047.134\$34

GANHOS E PERDAS

DEVE

Comissões, juros, transferências, etc.	15.076.146\$95
Contribuições pagas e Despesas Gerais	24.916.073\$84
Saldo	10.766.852\$60
	<hr/>
	50.759.073\$39

HAYER

Saldo de 1954	184.479\$60
Lucros apurados em diversas contas	50.574.593\$79
	<hr/>
	50.759.073\$39

Porto, 14 de Janeiro de 1956.

O Chefe da Contabilidade:

Mário de Barros Freire

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

Júlio Anahory do Quental Calheiros
(Conde da Covilhã)
Delfim da Silva Fernandes Vinagre
José Nunes da Fonseca
Francisco Manuel Fernandes Borges
José Adelino Azeredo Sá Fernandes
Daniel Maria Vieira Barbosa
José da Silva Braga

DOS LIVROS E DAS REVISTAS PORTUGUESES

Comentários de A. Rocha Martins



Mocidade, Obra de todos

NA sessão de abertura do II Congresso Nacional da Mocidade Portuguesa o Snr. Subsecretário da Educação Nacional proferiu um oportuníssimo discurso subordinado ao tema: *Mocidade*, obra de todos.

A esse discurso, onde se traça com plena visão dos problemas que interessam à Mocidade Portuguesa, queremos hoje, embora muito ao de leve, consagrar algumas palavras.

Evidentemente que a Mocidade tem, numa sociedade organizada criteriosamente, de merecer o mais vivo interesse e o mais desvelado carinho.

Ela é a semente germinante que valorizará a sociedade, no caso, é certo, de ser convenientemente preparada num sentido integral.

Não podemos formar a Mocidade dum País apenas sob o aspecto físico por que isso, como diria um pensador contemporâneo, poderia não passar da preparação de esplêndidos animais. Essa formação da Mocidade, talqualmente o deseja o ilustre e activo Subsecretário da Educação Nacional, deve ser integral, isto é, atingir o homem total, na sua inteligência, na sua vontade e no seu corpo.

Dignas de meditação são estas palavras do ilustre Membro do Governo: "Frente aos tempos modernos, marcados pela instabilidade, a desorientação, os desníveis da vida em múltiplos aspectos, a inversão de valores, a carência de ideais, a absorção das grandes massas pelo culto do trivial, do medíocre e do baixo materialismo; frente aos horizontes fechados, sem ar e sem luz, da cidade dos nossos dias; para além da burguesia acomodaticia ou do comunismo ateu — a Juventude necessita e reclama o triunfo da espontaneidade, da saudável irreverência, do rumo seguro dos altos ideais, do largo campo batido por todos os ventos, da brisa dos mares, do ambiente lavado que iguale a sua alma pura, da vida honesta e digna e justa, da vida arriscada, diferente, dura, viril mas gloriosa, das actividades que lhe encham o cérebro, os pulmões e o coração!"

Nestas palavras, bem compreendidas nas linhas e bem entendidas nas entrelinhas, está o programa certo da Mocidade Portuguesa.

Por isso aconselhamos a leitura, e mais do que a leitura, a meditação, deste importante discurso do Subsecretário da Educação Nacional.

de Velásquez ou Goya, de Solana Vazquez Dias, de Picasso ou J. Gris e não carece de *peinetas*, *castanholas* ou *toureiros*; bem italiano é a sua pintura um P. della

Águas Diferentes

de Cidália

ESTE livro de versos — ao que parece o segundo de Cidália — é um grito de alma a tentar evadir-se das limitações deste mundo para a região tranquila da luz, da felicidade e do amor.

Acresce, ainda, o facto de a autora demonstrar uma marcada tendência para a poesia moralizadora, no sentido de ser veículo de conceitos morais e religiosos.

No prefácio ou preâmbulo que escreveu revela o desejo de que se lhe diga a verdade toda sobre os seus versos. Estas palavras andam repassadas de melancolia a que não é estranho um certo pessimismo nascido da experiência da vida que nos revela tanta maldade dos homens e tantas surpresas.

Cidália acusa, nas suas palavras, esse ressentimento que caustica a alma e faz desabafar assim:

"Quando eu tinha a alma cheia de sol, acreditava no amor e na virtude, e na minha ânsia de beleza para construir um mundo melhor"; "agora resolvi ir sozinha de encontro ao mundo, de livro aberto nas mãos, sem arrimos nem subterfúgios. Fica assim adquirido o direito de cada qual se manifestar claramente, sem peias de claque".

Estas palavras que, na verdade, resumem uma certa amargura íntima são, ao mesmo tempo, um acto de coragem e um pedido de que sobre os seus versos se diga, cara a cara, aquilo que se sente.

E, não há dúvida, que em "Águas Diferentes" há jóias literárias ao lado de versos frouxos e por vezes forçados.

Em todos eles, porém, reafirma-se simplicidade e sinceridade. E, talvez, Cidália fosse uma poetisa em todo o sentido da palavra se não sacrificasse os assuntos ao rigor insistente da rima. Mais liberdade e mais horizonte! Os voos do seu espírito não podem, nem devem agrilhoar-se a formas regidas e, parece-nos, que seria mais feliz, mais artística e mais bela a sua poesia, voando livremente nesse horizonte infinito de azul e graça...

Com isto não queremos minimizar o seu trabalho que tem, indiscutivelmente, valor real. Esta nossa opinião ficará no espírito de Cidália como semente esquecida à borda do canteiro... É possível que venha o germinar, florir e per-

fumar o ambiente artístico das nossas letras.

Neste seu livro de versos há quadras primorosas.

Talvez nunca avaliasse
O teu amor, minha Mãe,
Se a vida não mo mostrasse
Fazendo-me Mãe também.

Amor "eterno" ... "profundo" ...
Tantos amores ... tanta gente ...
a chamar amor, no mundo,
ao que é pecado somente!

Há belos poemas como *Ânsia de infinito* em que a alma se expande na mais bela criação de beleza artística ao lado de outros, cheios de ternura maternal consagrados aos filhinhos já falecidos.

Terminamos esta insignificante nota de crítica formulando votos sinceros pela divulgação deste livro de versos que levará aos leitores, com certeza, horas de paz e tranquilizante alegria.

REVISTA DO NORTE

RECEBEMOS o número 12 da Revista do Norte dirigida pelo escritor Fernando de Araújo Lima. Insere colaboração muito apreciável de Fidelino de Figueiredo com "Ao Magnífico Reitor da Universidade de S. Paulo"; Morrer aos poucos, de Cardoso Marta; Relógio de Café, de Hernâni de Lencastre; O Sargaceiro, de Manuel Boaventura; Três Poemas da Noite e da Madrugada, de César Teixeira; Magalhães Lemos, de João de Araújo Correia.

Jorge de Sena, Poeta "Evidente", por Taborda de Vasconcelos; Ciganos de Virgínia Andias; Bilhetes da Província, de Camilo Araújo; Páginas Escolhidas e Crítica Literária.

É sempre com o maior prazer que assinalamos o aparecimento desta bela revista que honra a cultura portuguesa.

ALMA

TEMOS aqui presente a bela revista Alma da Editorial Franciscana.

Com óptima apresentação gráfica e bem colaborada é revista de Espiritualidade e Documentação que muito honra a cultura Nacional.

Com o maior prazer a lemos e recomendamos aos nossos leitores.

Este número contém colaboração de Abel Correia Pinto, Manuel Taveira da Silva, David de Sousa, Frei João Diogo Crespo, José António e Frei Manuel de S. Boaventura.

portuguesa, se os desenhos de um R. Bordalo são portugueses mantém essa característica muito além da *banza* e do *faduncho*, do *Zé Povo*

(Continua na página 2)

Carta da Capital

O desconhecimento das realidades ou a revista portuguesa VELA

Meu muito Rev. Amigo:

Há coisas que me aproximam de si, transportando-me com a mesma irregularidade com que surgem, ou me impressionam.

Aqui talvez a razão do meu aparecer e do meu silêncio, e nunca na falta ou diminuição de uma estima pessoal, tão grande como a não visão de letra sua.

*

Imagine o meu querido Amigo que eu ignoro a sua existência, como homem, e escrevo: o P. Alberto não existe.

Imagine mesmo que vou mais longe, e afirmo: não há P.P. Albertos em Portugal.

Nesta afirmação, a mais da leviandade nela própria contida, por tratar-se de pessoas, não vinha nem fugia qualquer prestígio, ou desprestígio para o conhecimento perfeito e soberbamente comprovado do carácter atlântico da pintura portuguesa.

Mas se afirmo que em Portugal não há *pintores do mar* nego um facto comprovado; se escrevo que os *pintores portugueses* estão tão afastados dos temas do mar nego uma fundamental característica da pintura portuguesa.

Seja por desconhecimento, seja por ignorância, seja por leviandade, lanço um labéu destituído do mínimo fundamento.

Se esse desconhecimento — da realidade —, se essa ignorância — do carácter da pintura —, se essa leviandade — na afirmativa —, se lança em roda de amigos, ou ao serão em casa, o mal, a errada lição fica felizmente limitada na sua projecção deseducativa.

Se em contrapartida se escreve isto, e se publica, em

uma revista de grande projecção em meio desportivo de escol como é o da vela, dá-se uma noção falsa, por errada, a esse mesmo escol.

Exactamente isto fez a página 29 o n.º 24 da revista portuguesa VELA, ignorando uma verdade histórica nacional, traduzindo um artigo uruguaio, perfilhando uma doutrina tão falsa para Portugal quanto deve ser verdadeira para a nação americana.

Uma consulta mesmo telefónica ao Director do Museu de Arte Contemporânea surpiria a falta de conhecimentos, já que na memória se não reteve o noticiário, dos jornais de Julho último, sobre a Exposição levada a efeito a quando do IV Congresso Nacional de Pesca, provando à evidência exactamente o contrário do que se lê na mal informada revista VELA.

E pior é a projecção no estrangeiro; e o mal é a leitura dessa mesma revista, em meio alheio à verdade.

*

Se na literatura — do romance à poesia — o mar não tem chamado a atenção de seus cultores, pelo menos no volume que nos permita tomar o tema como característica geral, nas artes plásticas dá-se exactamente o inverso.

Desde que o plastifice abandona o recinto fechado da sua oficina e sai para o campo, desde que o pintor se volta de frente à natureza, e a vive e tenta interpretar, surge uma pintura caracteristicamente atlântica com uma super-abundância de *pintura do mar*.

Este fenómeno dá-se no último quartel do séc. XIX.

Não é que para ser atlântica ou marítima careça de ondas e de barquinhos: a pintura, bem espanhola o é,